



A IDADE MÉDIA E SUAS CONTROVERSAS MENSURAÇÕES: TEMPO HISTÓRICO, TEMPO HISTORIOGRÁFICO, TEMPO ARQUÉTIPO

Ronaldo Amaral*

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/Três Lagoas.
ronalduamaral@hotmail.com

RESUMO: O tempo histórico é tão produto do historiador como seu objeto. Partindo desta observação para o período medieval, queremos apresentar aqui, ainda que em um breve balanço historiográfico, as diversas formas e concepções de temporalidade ou atemporalidade, que se tem atribuído ao período medieval, e a partir destas, as múltiplas possibilidades e visões que já se apresentaram para entender e mensurar este período.

PALAVRA-CHAVE: História – Historiografia – Tempo-Medieval

ABSTRACT: Historical time is as much a product of the historian as it is an object. Starting from this observation of the medieval period, we want to present here, albeit in a brief historiographical overview, the various forms and conceptions of temporality or timelessness, which has been attributed to the medieval period, and from these, the multiple possibilities and visions that are already presented to understand and measure this period.

KEYWORDS: History – Historiography – Time-Medieval

Como muito bem já se disse, todos os rótulos de fenômenos históricos são ao mesmo tempo tanto produtos históricos como produtos historiográficos e suas escolhas implicam, mais que eleições metodológicas, visões ideológicas.¹ Tal observação nos servirá aqui para refletirmos acerca do conceito “Idade Média” assim como já o fizemos

* Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Pós-doutorado em História Social pela Unesp-Assis.

¹ FRANCO JUNIOR, Hilário. Antigüidade Tardia ou Primeira Idade Média. In: ANDRADE FILHO, Ruy de O. (Org.). **Relações de Poder, educação e Cultura na Antigüidade e Idade Média**. Santana do Parnaíba: Solis, 2005, p. 233.

acerca do conceito de “Antiguidade Tardia” em outro momento e trabalho.² Claro está que tal crítica conceitual, no que concerne aos períodos históricos e suas respectivas designações, não são apanágio das fases temporais relativas á Idade Média, podendo e devendo ser aplicados a outros momentos e temporalidades históricas.

Como é sabido, e já discutido com alguma insistência, o Renascimento do século XV criara a própria ideia de Idade Média, assim como sua terminologia. Considerada uma idade intermediária, um ínterim entre duas épocas “verdadeiramente dignas de existência e temporalidade”, ou ainda, a Antiguidade Clássica e o alvorecer da modernidade,³ tal valoração se daria sobretudo em função de um olhar fundamentalmente político ideológico, representado pela burguesia politicamente ascendente e pelos humanistas filhos das cidades e das universidades geralmente sob o patrocínio daquela. Considerada uma volta a antiguidade clássica e aos seus valores elevados, a modernidade nascente romperia com a estagnação intelectual e cultural então atribuído aos séculos V a XV. No entanto, como sabemos ainda, o advento da modernidade, marcada, sobretudo, pelo chamado o “Renascimento” italiano, nada mais foi que uma longa Idade Média. Nesse sentido, o protestantismo seria, em último caso, um desdobramento triunfante das muitas contestações teológicas, religiosas, ou como se quisera, heréticas, que afrontavam a Igreja baixo-medieval.⁴ Podemos dizer com Hilário Franco Júnior que o protestantismo foi uma heresia que deu certo.⁵ E o próprio franciscanismo, uma das ordens mais importantes da Igreja a partir do século XIII, não seria antes de tudo uma heresia em potencial, ou, em certa medida, um intento protestante e reformador⁶ mesmo? E os franciscanos não só cindiram de todo com a Igreja porque ela, num processo já secular, soube os cooptar, os regular e, em última

² AMARAL, Ronaldo. A Antiguidade Tardia nas discussões historiográficas acerca dos períodos de Translatio. **História e-História**, v.1, p. 1-12, 2008

³ LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1994, p. 15. V.1; _____. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 57; FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média – Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 11-12; para citarmos algumas discussões mais recentes e acessíveis a este respeito

⁴ A reforma protestante é antecedida por uma reforma ideológico-religiosa na própria Idade Média, sem a qual a primeira não teria condições de se apresentar e se firmar. Significado a este respeito é o livro de: BOLTON, Brenda. **A reforma na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1985.

⁵ FRANCO JÚNIOR, 2005, op. cit., p. 156.

⁶ No entanto, aquele grupo de franciscanos mais austeros quanto a crítica da Igreja, forma perseguidos e condenados pela Igreja nestes séculos de fermento espiritual “herético”. Ver FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1976; _____. **Os Espirituais Franciscanos**. São Paulo: EDUSP, 1995.

instância, os descaracterizar de seu movimento mais primitivo e essencial, principalmente pelo arrefecimento do próprio ideal de seu fundador. Com efeito, São Francisco talvez não fosse um professo franciscano no final de sua vida.⁷

Nessa evolução da dinâmica medieval que engendraria as próprias estruturas da modernidade, podemos acrescentar ainda o surgimento da imprensa; da Universidade, “filha da cidade”, que cultivaria não mais somente a teologia, mas outras disciplinas humanas, exatas e biológicas as quais, não obstante, viriam a contestar a teologia indiscutida quanto aos dogmas da fé; da burguesia que abria uma fenda na estrutura tripartite medieval e mudaria as formas e os modos de ser daquela sociedade, como seus gostos, sua extensão geográfica (o mercador que busca novas terras, mercados, e que dispõe de meios e dinheiro para tanto). Todas essas novas conjunturas seriam os filhos parricidas ou matricidas da Idade Média, pois, embora oriundos de sua própria dinâmica, romperiam e extrapolariam algumas de suas estruturas materiais e ideológicas mais características. Assistiríamos a partir de então o inaugurar-se de novos tempos, mas, insistamos, novos tempos igualmente medievais. Assim, há mudança, transformação, mas não fim ou ruptura.

Veja-se que o Renascimento italiano é assim chamado por Le Goff um acontecimento brilhante, mas superficial. Mais do que ser o renascimento, foi só mais um dos tantos renascimentos que a Idade Média havia assistido; aliás, fora o resultado compulsório dos renascimentos medievais anteriores. Então, poderíamos defender a ideia que o Renascimento do século XV é medieval e, não bastante, duplamente medieval: a princípio por sua própria ideia de ser renascimento, já que os renascimentos são uma característica essencialmente medieval enquanto signifiquem a volta a um estado anterior sempre preferível ou, quando menos, a manutenção de um estado de coisas pouco mutável e fiel as suas raízes, ou seja, ao apego à autoridade e ao peso da tradição que implicaria uma constante busca de presentificação do passado ou mesmo sua resistência; o é ainda pelo fato do renascimento do século XV poder ser considerado como o ponto de chegada dos já diversos renascimentos que a Idade Média vivenciara, sobretudo os renascimentos da Antiguidade Tardia,⁸ no qual a cultura cristã se edificou

⁷ Um dos melhores trabalhos historiográficos acerca de Francisco é CARDINI, Franco. **São Francisco de Assis**. Lisboa: Presença, 1993

⁸ Ver BROWN, Peter. **O fim do mundo clássico**. Lisboa: Verbo, 1972; BANNIARD, Michel. **Gênese Cultural da Europa**. Lisboa: Terramar, [S/D].

pelas apropriações e amoldamentos da cultura e filosofia clássicas,⁹ o renascimento carolíngio do século IX,¹⁰ e aquele dos séculos XII e XIII, chamado mesmo por Le Goff de uma verdadeira revolução em todos os âmbitos da vida humana no Ocidente Medieval. No mais, afirmaria ainda o renomado medievalista “[...] Em história não há renascimentos. Há apenas mutações, que durante muito tempo se ocultam sob a máscara de regresso a antiguidade [...]”¹¹ corroborando e demonstrando a continuidade entre as duas épocas históricas, medievalidade e modernidade, em detrimento da ruptura.

Se o Renascimento, “filho ingrato da Idade Média”, tinha por “mãe postiça” a Antiguidade Clássica, pois afirmara que deveria àquela época suas características mais denotativas (o humanismo, a arte realista, o antropocentrismo, a racionalidade, o poder de investigação sobre o homem e a natureza) e, portanto, atribuiria a Idade Média uma época de fundamentalismo religioso, de superstições, de cerceamentos de liberdades, de uma arte infantil e bárbara, como o gótico, o romantismo do século XIX inverteria tal situação. Passa-se da Idade das Trevas à Idade de Aurora em que nossos pais eram felizes em sua simplicidade e seus sentimentos mais a florados. O próprio Jacques Le Goff nos contaria que seu interesse pela Idade Média surgiria desse encantamento romântico, da literatura que lhe apresentava lugares-símbolos dessa época, como a floresta e o castelo; os personagens estereótipos como o cavaleiro, o monge, a dama; os sentimentos, como o amor cortês, a coragem, a fé, o destemor diante do outro homem e do sobrenatural, o temor de Deus.¹² Mas também os lugares concretos como os castelos e as catedrais medievais que se mantêm erguidas até hoje na Europa ao lado de modernas construções, fazendo com que o tempo, os séculos, se reduza às vezes a quilômetros ou metros de distância.¹³

Observemos, no entanto, que a Idade Média pela qual tantos se vêm apaixonados hoje é tão apanágio daquela literatura romântica, como das produções historiográficas que tem interessado cada vez mais o leitor comum por temas ligados ao cotidiano e ao imaginário. Os historiadores têm lançado mão em sua escrita, sem perder

⁹ Cf. AMARAL, Ronaldo. Saber e educação na Antiguidade Tardia. Os padres monásticos e eclesiásticos diante da cultura greco-romana. *Mirabilia*, v. 6, 2006.

¹⁰ Cf. BOUSSARD, Jacques. *La civilización carolingia*. Madrid: ediciones Guadarrama, 1968. p. 118-195.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994, p. 36

¹² Id. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 18-19

¹³ *Ibid.*, p. 20.

o rigor próprio da profissão, de recursos literários agradáveis e de prazerosa leitura. Assim, quem não se apaixonaria pela Idade Média apresentada por Jacques Le Goff e George Duby¹⁴ ou mesmo por historiadores mais antigos como Marc Bloch e Johan Huizinga, e ainda no campo da literatura histórica, os livros de Umberto Eco, como seus clássicos o **Nome da Rosa**¹⁵ e **Baldolino**.¹⁶

Mas no campo do senso-comum que é quase sempre a-histórico, “o medievaesco substitui o medieval” como afirmou Le Goff. E Jerome Baschet observa, recrudescendo esta pertinente formulação de Le Goff, que o século XIX fez surgir, tanto no âmbito material, na arquitetura e na arte, quanto no campo intelectual, como o neotomismo, uma neo-Idade Média que, de fato, constituir-se-ia mais em uma obliteração do que fora aquele período do que efetivamente o seu ressurgir. Construir-se-ia uma Idade Média idealizada que nebulava os olhos e os entendimentos dos homens do século XIX sobre a Idade Média mesma, mais do que a denotava e a compreendia.¹⁷ A literatura que idealiza essa Idade Média cheia de maravilhas, força, sentimentos afáveis, dentre as quais estão as obras de **Yvain. O cavaleiro e o Leão, Tristão e Isolda**, e toda aquela abundante escritura das gestas de cavalaria do amor cortês – uma certa revivescência de temas não necessariamente cristãos contidos em uma literatura laica, que retomava temas “pagãos” greco-romanos para fazer frente a unívoca literatura bíblica e artística cristã apregoada e disseminada pela Igreja – é exemplo de todo o material que ajudou o século XIX a fazer da Idade Média não mais uma idade das trevas e sim uma idade, senão das luzes, de uma suave neblina de bem estar e romantismo. E o próprio Jacques Le Goff nos confessa que seu gosto pela Idade Média nascerá de seu contato juvenil com a literatura de Chrétien de Troyes.¹⁸

A Idade Média, como qualquer outra temporalidade histórica, não obstante, de forma agravada, será sempre uma construção contemporânea do passado, mais do que o passado mesmo. Se o historiador avisado sabe que não deve ir ao passado exclusivamente em busca de seu presente, tendo por parâmetro seus valores e

¹⁴ O próprio Le Goff igualmente confessa que se imbuíu de interesse e maravilhamento pela Idade Média graças a leitura das obras de Duby, ou ao menos particularmente o **Batalha de Bouvines**.

¹⁵ ECO, Humberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

¹⁶ Id. **Baldolino**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2001.

¹⁷ BASCHETT, Jerome. **A civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006, p. 24.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 18-19.

cosmovisões, pois cometeria os pecados mais graves à História, ou ainda, os anacronismos e valores de juízo, ele praticamente não consegue levar outras questões ao passado que não sejam aquelas de seu mesmo presente, já que esse ponto de partida é a própria razão das escolhas temáticas e metodológicas de praticamente todos os estudos historiográficos.¹⁹ Assim, se o historiador, na mais aceitável das hipóteses, busca entender a Idade Média em suas estruturas mesmas, o olhar que lança, sua opção temática, metodológica, e às vezes mesmo temporal, serão impostas pelo seu presente, por suas questões mais agudas e da ordem do dia. Daí que o século XIX romântico e enfadado do racionalismo, só poderia ver na Idade Média, que não encerrava esses valores, uma época tão o mais romântica que o próprio século XIX. A Idade Média romântica do século XIX é uma “Idade Média do XIX” antes de qualquer pretensão de se chegar a uma Idade Média por si mesma.

E nos nossos dias? Como temos compreendido a Idade Média; como tem definido esse período o senso-comum histórico, e por outro lado, os historiadores, particularmente os medievalistas?

Talvez estejamos em uma época de balanço; talvez nossa visão, a dos medievalistas, deva ser a visão das múltiplas visões para tentarmos acercar-nos de uma Idade Média por ela mesma, e isto, se de fato conseguirmos.

Faz agora dois séculos ao menos que a Idade Média é balanceada de um extremo a outro, sombrio contraponto dos partidos da modernidade, ingênuo refúgio daqueles a quem o presente moderno horroriza. Existe de resto um ponto comum entre a idealização romântica e os sacarmos modernistas: sendo a Idade Média o inverso do mundo moderno (o que é inegável) a visão que se tem dela é inteiramente determinada pelo julgamento feito pelo presente. [...].²⁰

Jerome Baschet observa que somos, por nossa vez, observadores de todas aquelas construções da Idade Média, mas também e necessariamente, novos construtores. Um exemplo encontra-se nas discussões sobre os primeiros séculos da Idade Média em suas valorações historiográficas atuais. Jacques Le Goff vê os primeiros séculos medievais, ou seja, aquele do desfacelamento do arcabouço político-institucional do Império Romano e da entrada e acomodação dos germânicos em terras romanas, como tempos de regressão e decadência, a tal ponto que observa a junção três

¹⁹ DUBY, George. **A História Continua**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993, p. 9.

²⁰ BASCHETT, Jerome. **A civilização feudal**. São Paulo: Globo, 2006, p. 24

decadências, a romana, a germânica e a das culturas locais autóctones,²¹ que ressurgem com o arrefecimento da cultura romana que se impunha àquelas quando da conquista do Império a suas províncias. Também vê regressão da cultura e da arte, e nisso acompanha Roberto Lopez.²² Peter Brown, por sua vez, referindo-se a esse mesmo período, dele se ufana em tal medida, que consegue ver sobretudo novidades, avanços, recrudescimento cultural.²³ A discrepância dessas visões é tão grande que esses historiadores parecem se referirem a temporalidades distintas.

Contudo, ainda nos encontramos, mesmo nesse momento em que nos constituímos nos juízes dos construtores ufanistas ou pessimistas da Idade Média, oscilando nessa mesma visão dualista (e não somos mesmo dualistas inatos?), ou ainda, entre uma Idade das trevas e uma Idade da aurora da civilização do Ocidente, onde nossos pais eram felizes na aprazível vida no campo e seguros na inquestionável fé que os confortava.

Somos constantemente testemunhas auriculares de verbalizações de uma Idade Média pejorativa. Personalidades políticas, artísticas, religiosas, do mundo da economia, se referem freqüentemente, quando diante de um cenário de instabilidade, de agressividade, de algum grau ou gênero de crise, – e a estamos vivendo nesse início de século XXI – a uma situação, a um período “medieval”. Toda e qualquer forma de fundamentalismo religioso é tido como uma volta à doutrina e a fé medieval.

Um quadro ainda mais grave quanto à visão nada benfazeja da Idade Média encontramos na academia. Os medievalistas são com freqüência menos importados por alguns historiadores da contemporaneidade e da brasilidade “por não falarem de nós mesmos, de nossa realidade”. Não vou me estender aqui na dívida, inquestionável, irrepreensível que a história da contemporaneidade e mesmo do Brasil tem para com a Idade Média.²⁴

²¹ LE GOFF, Jaques. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1994, p. 58. V. 1. E isso para não citarmos obras clássicas a este respeito como as de Edward Gibbon, Ferdinand Lot e Mikhail Rostovtzeff.

²² LOPEZ, Roberto S. **El nacimiento de Europa**. Barcelona: Editorial labor, 1965. p. 23-69.

²³ BROWN, Peter. **O fim do mundo clássico**. Lisboa: Verbo, 1972; BANNIARD, Michel. **Gênese Cultural da Europa**. Lisboa: Terramar, [S/D]. Nesse sentido acompanha o clássico de: MARROU, Henri-Irenée. **Decadência Romana ou Antiguidade Tardia?** Lisboa, Aster, 1979.

²⁴ Para o caso do Brasil e a nossa dívida a medievalidade ver FRANCO JÚNIOR, Hilário. Raízes Medievais do Brasil. **Revista USP**, São Paulo, p. 79-104, agosto de 2008.

De outro lado, uma visão idílica da Idade Média também nos sobrevive. É característico de nossa visão de mundo, é um arquétipo presente na nossa estrutura de pensamento, que vê no passado remoto um tempo mais feliz, mais perfeito e pródigo, e isso, sobretudo, para as sociedades pré-industriais, dentre as quais a medieval. Le Goff afirmara que os medievais tinham o seu passado diante de si, ou seja, os primórdios constituíam o futuro mais desejado, porque melhor, mais perfeito. Esse passado recuava até a origem da cristandade, até o Éden, em que se estava em maior consonância com a própria criação, desprovida do pecado e de suas mazelas, onde a fé e a presença de Deus eram constantes e eficazes. Tal percepção de um tempo em que o passado remoto constitui-se no futuro perfeito devera-se aos povos primitivos e àqueles da antiguidade, dentre os quais gregos e romanos, que estabeleciam uma mensuração cíclica do tempo, seja aquela do eterno-retorno, ou do grande círculo em que o futuro se instauraria pela volta do passado imemorial, perfeito, onde se dera a criação do mundo e onde naquele momento e lugar os homens residiam com os deuses, ou na versão judaico-cristã, Javé residia com o casal primordial.²⁵

Mesmo para nós que vivemos em um mundo secularizado, essa percepção de um passado benigno e mais pródigo faz-se presente. Frequentemente ouvimos de nossos pais que a época de nossos avôs fora uma época de maior simplicidade, fé, e abundância; e de nossos avôs, a confirmação de que eram mais felizes na época de suas infâncias, ou naquela de seus mesmos pais.²⁶ E para os crentes mais convictos, não seria o Éden – um mito de origem – o passado mais vívido e saudoso, sobretudo, um lugar a ser efetivamente reconquistado? De qualquer forma, para qualquer visão idílica da Idade Média, temos implícita a vontade desse retorno à idade da aurora do homem, ao paraíso no qual o homem estava no seio seguro e reconfortante de Deus. E desse arquétipo, ao mesmo tempo do passado e do futuro, comungam mesmo os mais descrentes da atualidade.²⁷

²⁵ Realizamos um estudo sobre a persistência a nível mental e no imaginário social do tempo cíclico sobre o tempo linear na cosmovisão cristã antiga e medieval. AMARAL, Ronaldo. **Da renúncia ao mundo à abolição da História**. O paraíso no imaginário dos Pais do Deserto. Campos Grande, editora da UFMS, 2011.

²⁶ Proponho inclusive um estudo neste sentido em que conflua a história oral com a história do mental e do imaginário social.

²⁷ Sobre a nostalgia do paraíso mesmo para o homem profano ver ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 13.

Mas o interesse pela Idade Média na atualidade, em um mundo midiático e de buscas constantes, movidos por angustias e pela vontade de soluções imediatas e mágicas, tem residido no que ela teria de exótico, de maravilhoso, de mitológico, e de místico. Cabe lembrar aqui as religiosidades latentes, a força do rito e da utopia, a visão simbólica do mundo, as quais, mesmo sem entender suas origens, delas comungamos. Sublinha-se o interesse, ainda que a nível inconsciente, pela força, pelo maravilhoso, o maravilhoso “pagão”, sobretudo. Salta aos olhos o interesse, embora confuso e indefinido, pelas religiosidades panteísticas e animistas, presentes nos germanos, helênicos e celtas. O que são as pedras, os ídolos, as miniaturas de fontes de água, os escapulários de todo gênero de conteúdo levados ao pescoço como sinal de proteção, os bruxinhos protótipos de Merlin, que tanto sucesso fazem nos dias atuais, que não um apelo a esta Idade Média mágica e fantástica que a própria Idade Média tanto desejou apagar e repelir por meio da Igreja e seus agentes?²⁸ Exalta-se a Idade Média dos cavaleiros, dos torneios, dos jovens nobres em busca de sua dama e seu feudo, e outras tantas grandes idealizações românticas e viris; mas não seriam essas personalidades e esses seus impulsos vistos com expressivo e estendido desagrado na grande parte das vezes pela população e pela Igreja medieval, pois causariam grandes transtornos, uma vez que, por exemplo, esta cavalaria belicosa, sobretudo a constituída pelos filhos não primogênitos da nobreza dos séculos XII e XIII que se digladiavam por terras e poder, causavam graves problemas de segurança e estabilidade moral e material a feudalidade.²⁹ Esse estado de coisas culminou na “paz de Deus” em que a Igreja teve que intervir.

As cruzadas que retoma o tema da força, da virilidade, dos cavaleiros destemidos e honrosos por sua tenacidade e conquistas, encontra-se igualmente na ordem do dia entre os amantes da Idade Média, nos bonecos infato- juvenis, nos jogos de RPG, nos desenhos animados da TV e do cinema. Mas o que foram as cruzadas senão um dos acontecimentos mais lamentáveis da medievalidade, que redundaram em fracassos e intolerâncias, culturais e religiosas, como são acordes hoje seus historiadores.

²⁸ Sobre a religiosidade medieval ver ORONZO, Giordano. **La religiosidad en la alta Idade Media**. Madrid: Gredos, 1983; WALTER, Philippe. **Mitología Cristiana, fiestas, ritos y mitos de la Edad Media**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

²⁹ ROUSSET, Paul. **História das Cruzadas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1980, p. 14.

Talvez neste momento tenham que me desculpar aos enfatizados da Idade Média, que tanto a amam, que tanto a sonham, que tanto desejam verem-se reportados àquela época, constituindo-se em cavaleiros e damas, monges exemplares e camponeses ligados a simplicidade e a amenidade da vida bucólica. Mas é lícito e salutar avisar que o passado perfeito, o tempo feliz e satisfatório a todos, é mais um arquétipo do ser e sentir na perfeição com o divino, do que um lugar espaço-temporal.

Interessante ainda será notarmos aqui a visão de uma Idade Média idealizada, no seu sentido positivo, pela mídia atual. O cinema idealizou tanto a Idade Média, que chegou a fazer dela o protótipo de toda época mágica e fabulosa e, por outro lado, de sobrepujante humanidade, de conquistas e força. No primeiro caso, filmes recentes, sobretudo os ingleses e norte-americanos como **Harry Potter** (Londres, 2001, direção de Chris Columbus) **As crônicas de Narnia**, (Nova Zelândia, 2005, direção de Andrew Adamson) **O senhor dos anéis**, (Estados Unidos, 1999, direção de Peter Jackson) nos remetem a uma época, embora não especificada como medieval por parâmetros de espaço e tempo, de características e circunstâncias sem sombra de dúvidas medievais ou sobretudo medievalescas; seres fabulosos, a floresta como lugar do mágico e do temeroso,³⁰ cavaleiros, espadas, escudos, dragões, animais consoantes à vontade dos homens e deles íntimos, etc., tudo isso é encontrado na literatura tanto hagiográfica quanto laica medieval. Outros filmes, de caráter mais histórico, como as **Cruzadas** (Estados Unidos, 2005, direção de Ridley Scott) e **El Cid**, (Itália / Estados Unidos / Inglaterra, 1961, direção de Anthony Mann) para citar um filme mais antigo e um mais recente, não deixam de fazer da medievalidade a época em que se desejaria viver ou participar por sua idealização de poder, força física e espiritual. No entanto, filmes, como o clássico baseado no romance de Umberto Eco, **O nome da Rosa**, (Alemanha, 1986, direção de Jean Jacques Annaud) cuja cenografia e figuração fora, aliás, trabalhada por especialistas, historiadores entre os quais Jacques Le Goff, nos remete de forma espantosa a uma Idade Média mais exequível e vivida, sobretudo por sua faceta de fealdade, pouco bem-quista ao cinema que obedece aos estereótipos de beleza e estética atuais: monges disformes, maltratados, o mosteiro em sua visão eminentemente humana, com discórdias, necessidades, expropriações de camponeses, dissidentes da fé no seio do próprio clero. Também encontramos o sobrenatural, demonstrado sobretudo

³⁰ LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994. p. 83-99; _____. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, v.1 p. 169-172, 1994.

pelos fundamentalistas e místicos; as questões morais e filosóficas que permearam e fundamentaram aquela época, basicamente sintetizada no platonismo cristão representada pelos beneditinos – que surgiu mais ou menos contemporaneamente a esta mesma ordem no século IV – e vigente até a época em que se passa esse filme, e o aristotelismo retomado pelo cristianismo no novo contexto de reconquista do mundo pelos homens desses séculos centrais da Idade Média, cujos maiores representantes foram os franciscanos, que viriam a chamar os elementos da natureza, e assim o mundo mesmo, como irmãos, *fratres*.³¹ Demonstrar-se-á ainda a pobreza do camponês, a opulência, para muitos revoltante, da Igreja, as velhas e novas ordens religiosas, como os beneditinos e os franciscanos, nas suas especificidades. O franciscanismo aí apresentado denota, ademais, que a Igreja medieval não era tão unívoca e reinante nos seus dogmas e nas suas imposições incontestadas; que o alto clero, o baixo clero e os demais fiéis constituíam uma Igreja bastante plural.

Há também uma áurea de idealização sobre o mundo espiritual monástico nos nossos dias, e nós mesmos já advertimos sobre o perigo de o historiador medievalista dedicado a esse objeto se prender as suas maravilhas, e fazer de sua fonte, mais uma profissão de fé do que um instrumento de profissão, com o risco de deixar de ser historiador.³² Muitos se sentem absortos quando vislumbram o claustro de um mosteiro, seus capitéis, seus ícones, a liturgia; o lindo canto gregoriano que se esvaece em meio a nevoa de agradável odor dos incensos que representa as súplicas dos fiéis que sobem e atingem as narinas de Deus. Quão romântico a paz, a natureza dos seus jardins internos, os claustros, pequenos Edéns; o hábito do monge, seus passos silenciosos pelos corredores, suas palavras suaves de consolo e sabedoria. Quantos em função dessa visão não já desejaram se encerrar neste quinhão de Paraíso que julgam um mosteiro. E o ideal de mosteiro e de monge, insista-se, encontra-se na Idade Média, por sua origem, abundância, e renome. Mas, por outro lado, quantos desses desejosos modernos da vida monástica se submeteriam aos jejuns e outras formas de abstinência impostos aos monges; as vigílias noturnas, ao despertar antes do sol, ao dia-a-dia totalmente

³¹ Sobre as mutações do Ocidente nos séculos XII e XIII no sentido em ver também estas no seio de novas visões do mundo e do sagrado cristão ligado as novas estruturas sociais e mentais podemos considerar as muitas obras de Jacques Le Goff sobre este período como as mais significativas. A respeito dos franciscanos vistos como ordem herética a partir da Igreja ver: FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

³² AMARAL, Ronaldo. **A Santidade habita o deserto**. A haxiografia a luz do imaxinário social. A Coruña Noia: Toxosoutos, 2009, p. 253.

regularizado pelas horas canônicas, ao voto de obediência ao abade, a abdicação de seus bens pessoais e da família, do conforto da casa particular, sobretudo nessa época em que somos tão individualistas; quantos se acostuariam a simplicidade da cela como dormitório; e se tivermos o monaquismo medieval em mente, os jejuns ainda mais freqüentes, as noites em claro em vigília contra o demônio que temiam por acreditarem em sua presença diuturnamente, as mortificações, o medo tanto do inferno quanto de um Deus terrível em seu julgamento, as flagelações e demais castigos físicos, tantos impostos como auto-impostos; e quanto aos recalcitrantes, encarceramentos e acorrentamentos? Ouçamos Jacques Le Goff advertindo os ufanistas da Idade Média

Se o leitor permite dar-lhe um conselho muito trivial direi que perante esta evasão para uma Idade Média transfigurada se interrogue honestamente e veja se gostaria se ver transportado àquele tempo e nele viver. Que pense que as pessoas da idade media não pensavam senão em fugir do seu tempo, em alcançar um além, um céu, e que entre tantos medos que o fizeram tremer o menor foi o medo da morte [...].³³

Sabemos que toda História está tão imbuída de imaginários, de idealizações, quanto a nossa própria história. O homem cria sua realidade, a modifica, quando e o quanto pode, ou ao menos a forja para o atendimento do seu melhor existir. Já havíamos insistido que o imaginário, as construções idiossincráticas mentais desenham, convergem, em grande medida, a fazer nossa própria realidade. Daqui podemos entender nossa recorrência a Idade Média, pois não fora esta a idade por excelência do imaginário, do existir mais fabuloso humano, da incrível capacidade de viver e sentir o mágico e fazê-lo agir nas próprias condutas humanas e do social?

³³ LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1994, p. 23. V. 1.